



**FLACSO**  
BRASIL

# Guia do Diagnóstico Participativo

2ª Edição







**FLACSO**  
BRASIL

## GUIA DO DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

# **GUIA DO DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO**

*2ª Edição*

2021

## **FLACSO BRASIL**

### **Direção**

Salete Sirlei Valesan Camba

### **Conselho Acadêmico**

André Lázaro

Andrea Azevedo

Camilo Negri

Carolina Albuquerque

Florencia Stubrin

Iréri Ceja Cárdenas

Julia Tibiriçá

Kathia Dudyk

Mary Garcia Castro

Miriam Abramovay

Rebecca Igreja

Renata Montechiare

Rita Gomes do Nascimento (Rita Potyguara)

### **Secretaria Acadêmica**

Marcelle Tenorio

### **Coordenação de Comunicação**

Marina Baldoni

### **Organização**

Estudos e políticas sobre juventudes, educação  
e gênero: violências e resistências

### **Autor**

Luciano Cerqueira

### **Equipe técnica**

Lia Magalhães - Diagramação 2ª edição

Margareth Doher - Revisão

# ÍNDICE

Introdução .....	7
Diagnóstico participativo .....	9
O que é diagnóstico? .....	9
Elementos básicos de um diagnóstico .....	9
Questões-chaves .....	10
O que é diagnóstico participativo? .....	10
Para que serve o diagnóstico participativo? .....	11
Como se faz diagnóstico participativo? .....	11
Qual é a importância do diagnóstico participativo? .....	12
Passos do diagnóstico participativo .....	12
Estratégias de coleta de informações .....	13
Pesquisa-ação .....	13
<i>Entrevista não estruturada</i> .....	13
<i>Entrevista semiestruturada</i> .....	14
<i>Mapeamento participativo</i> .....	14
Referências .....	15

## Introdução

*Luciano Cerqueira<sup>1</sup>*

O fim dos regimes ditatoriais na América Latina foi acompanhado pelo surgimento de novas formas de organização dos grupos sociais excluídos pelas elites hegemônicas, que até então governavam. As novas organizações se destacavam não apenas por seu ativismo político, mas também pelo intenso envolvimento dos participantes no processo decisório. Comunidades eclesiais de base, sindicatos, movimentos sociais urbanos e conselhos de fábrica desempenharam um papel importante na transição para a democracia, em função do atendimento às reivindicações populares e pelo fato de se tornarem “escolas” de prática participativa para a sociedade civil.

A importância atribuída a esses experimentos colaborou para que fossem incluídas no texto constitucional, garantias à participação popular no controle das ações governamentais e na tomada de decisões concernentes às políticas públicas. Descentralização, cidadania, participação cívica e transparência nas contas públicas tornaram-se referências obrigatórias nos discursos dos mais variados atores políticos<sup>2</sup>.

A partir de então, o termo participação passou a ser utilizado como palavra-chave, especialmente para dar “legitimidade” às ações realizadas por organizações e instituições políticas e sociais, assim como outras, em seu devido tempo, passou a ser utilizada como palavra “mágica”. Aquela que serviria para qualquer ocasião e solucionaria qualquer problema.

Essa dinâmica serviu, em primeiro momento, para “controlar” a participação do povo nas decisões e debates mais importantes. Esse tipo de participação se insere em um processo de educação que não liberta as pessoas, que não permite, de acordo com Freire (1979), a apreensão do conhecimento em questão. Nesta nova fase, a educação e participação assumem uma nova cara, mas infelizmente com a antiga estrutura.

---

<sup>1</sup> Pesquisador da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e doutor em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH da UERJ).

<sup>2</sup> CERQUEIRA, L. **Participação cidadã na gestão pública: avanços e retrocessos com a implantação da estratégia de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2004. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

Mas as escolas de participação (local de trabalho, escolas, associação de moradores, paróquias, cooperativas etc.) na verdade acabaram criando a ilusão de participação política e social (BORDENAVE, 1995, pois o poder de influenciar (naquele momento era baixo, quase nulo. Mas não podemos negar que esse processo, também, promoveu uma mudança entre as massas populares. Seja qual for a forma de participação, ela “criou” algumas lideranças populares que conseguiram ascender no cenário político municipal, estadual e, até mesmo, federal.

Segundo Bordenave (1995) existem quatro de formas de participação: imposta, voluntária, manipulada e concedida. Na participação imposta, o indivíduo é obrigado a fazer parte de grupos e realizar certas atividades consideradas indispensáveis. O voto obrigatório pode ser considerado um exemplo desta forma de participação. Na participação voluntária, o grupo é criado pelos próprios participantes, que definem sua própria organização e estabelecem seus objetivos e métodos de trabalho. São exemplos os sindicatos, as cooperativas, os partidos políticos etc. Mas este tipo de participação também pode ser provocada por agentes externos, o que (em alguns casos pode) constituir a participação manipulada. E a participação concedida, participação que ocorre na grande maioria dos Diagnósticos e Planejamentos participativos desenvolvidos em diversos âmbitos do dia a dia social pós-redemocratização.

O conceito de participação, no âmbito dos processos de diagnósticos e planejamentos participativos, pressupõe divisão de poder no processo decisório, passando pelo controle das partes sobre a execução e a avaliação dos resultados pretendidos. Ou seja, participar, neste caso, é tomar parte das decisões e ter parte dos resultados.

Nesse contexto recente de promoção da participação popular na construção de políticas públicas se destaca o surgimento de um grande número de técnicas participativas para diagnosticar e, especialmente, planejar as novas propostas para o desenvolvimento socioeconômico do país.

## Diagnóstico participativo

O Diagnóstico participativo é um dos métodos de investigação da realidade. Para entender em que consiste o método é importante termos a compreensão dos conceitos e elementos básicos que orientam qualquer método de diagnóstico social.

### O que é diagnóstico?

- Diagnosticar significa conhecer, levantar informações, pesquisar. Significa fazer uma avaliação de uma realidade determinada, baseada em dados e informações.
- Diagnosticar implica: conhecer/pesquisar, interpretar e propor.
- O objetivo do diagnóstico é gerar um novo conhecimento sobre um aspecto da realidade (realidade desconhecida e/ou que precisa aprofundar o conhecimento).

Sem diagnóstico não se pode saber quais são as necessidades próprias de cada lugar e os programas oferecidos acabam sendo inadequados.

### Elementos básicos de um diagnóstico

- Expressa novas formas de conhecimento sobre as áreas específicas.
- Deve ter um foco, um eixo orientador.
- É centrado na comprovação de algumas hipóteses/curiosidades.
- Procura a relação entre os fatos, os processos sociais, sujeitos e referências conceituais.
- Quem realiza pode ou não estar envolvido no processo (protagonista).
- Problematisa, de modo a conseguir uma nova visão da realidade.
- Mesmo focalizando objetivos delimitados tem relação com o todo.

Para elaboração de um diagnóstico é fundamental trabalhar algumas categorias ou conceitos elementares.

**Realidade:** aquilo que existe efetivamente, que é real, concreto.

**Sujeito social:** pessoas ou grupos que fazem parte da realidade que queremos conhecer que, atuando na realidade, são capazes de transformá-la;

**Problema:** obstáculo que queremos conhecer ou enfrentar. É um pedaço inaceitável, para nós, da realidade que percebemos.

**Foco:** recorte da situação-problema que queremos conhecer.

**Potencialidade:** vocações, vantagens da realidade; capacidades dos sujeitos que, se dinamizadas, podem contribuir para superar os problemas.

## Questões-chaves

- Qual é a situação-problema que quero conhecer?
- Que informações eu preciso para conhecer a situação-problema?
- Onde buscar as informações? Quais são as formas de coleta?
- Como sistematizar e disseminar as informações?

Uma das escolhas metodológicas para se realizar um diagnóstico, que prime pela participação dos sujeitos sociais no processo de coleta e análise das informações é o diagnóstico participativo.

## O que é diagnóstico participativo?

Diagnóstico participativo é um método utilizado para fazer levantamento da realidade local. Este levantamento é feito com a participação das lideranças locais, ou por qualquer outro integrante de um grupo definido, deve conter os principais problemas da localidade em todas as áreas (social, econômica, cultural, ambiental, físico-territorial e político-institucional).

O Diagnóstico participativo deve captar também as potencialidades locais, ou seja, as vocações e as vantagens da localidade em relação a outros lugares. Porque são estas as potencialidades que devem ser dinamizadas para que a localidade, ou grupo, possa

superar os problemas identificados e atingir o desenvolvimento sustentável, caminhando com as próprias pernas.

## **Para que serve o diagnóstico participativo?**

Quando a comunidade está interessada em iniciar um projeto participativo, o agente de desenvolvimento, educador ou liderança que esteja facilitando o processo deve ajudar no sentido de se fazer uma análise da realidade da comunidade, focando o problema mais específico que a mesma quer resolver.

Esta análise ajudará a comunidade a compreender melhor sua situação. Permitirá identificar os problemas e obstáculos que impedem seu desenvolvimento, proporcionando os elementos para priorizar seus problemas.

Ademais, o diagnóstico servirá como base para o planejamento conjunto de atividades para melhorar a situação de vida da comunidade ou grupo.

Portanto, o processo de diagnóstico participativo serve para:

- possibilitar a tomada de consciência, tanto da comunidade como da entidade que realiza o diagnóstico, sobre os aspectos relacionados à sua realidade socioeconômica, política e cultural;
- promover a participação de diferentes grupos comunitários nos espaços de elaboração de políticas públicas (em particular as mulheres, pessoas indigentes, jovens, negros);
- proporcionar uma base para a planificação de atividades educativas, organizativas e mobilizadoras;
- coletar dados que possam proporcionar uma base para o sistema de avaliação da realidade e proposição de políticas e projetos;
- contribuir para dar maior poder de decisão à comunidade.

## **Como se faz um diagnóstico participativo?**

Uma análise participativa implica num diálogo entre os membros do grupo, ou da comunidade, e o agente de desenvolvimento. Portanto trata-se de um processo contínuo que requer tempo. Pode ser realizado num tempo curto de um a dois meses, mas pode tomar mais tempo, de acordo com os objetivos que se quer alcançar.

A informação para a análise participativa da realidade pode ser coletada de vários modos: entrevistas semiestruturadas, individuais ou de grupos, técnicas de visualização, observação participativa, análise das tradições culturais, oficinas e levantamentos, além de outros.

O facilitador do processo de diagnóstico deve ajudar o grupo a resumir os resultados do diagnóstico, a discuti-los e a priorizar os problemas que surjam.

Dos resultados do diagnóstico inicial, realizado durante a fase preparatória, pode-se elaborar uma lista de verificação dos temas a serem considerados com o grupo, ou comunidade, dando particular atenção a qualquer aspecto que corresponda aos principais objetivos da pesquisa. Com o fim de complementar e completar os resultados pode-se coletar dados adicionais em outras fontes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, secretarias de governos, institutos, pastorais, entidades, organizações não governamentais, entre outras).

## **Qual é a importância do diagnóstico participativo?**

Os projetos participativos têm como meta principal apoiar grupos específicos na seleção de alternativas que assegurem melhoria da qualidade de vida da população. Mediante um diálogo entre o facilitador e os grupos, os projetos participativos permitem aos usuários decidir que mudanças, inovações ou intervenções seriam mais adequadas para melhorar suas condições de vida.

As soluções podem ser mais apropriadas e eficazes quando se baseiam numa análise dos problemas pelas pessoas afetadas e em suas opiniões. No processo de análise participativa, os membros da comunidade participam na caracterização da realidade e na identificação das causas dos problemas relacionados, segundo sua própria compreensão da realidade. O papel da pessoa que está coordenando o processo de diagnóstico é de um facilitador.

## **Passos do diagnóstico participativo**

- *Analisar a realidade econômica, social e cultural do grupo ou comunidade.*
- *Identificar os problemas existentes relacionados com as condições de vida.*
- *Ajudar os grupos a priorizar seus problemas, identificando as causas e os efeitos.*

- *Identificar as potencialidades do grupo e dos atores sociais.*
- *Identificar a correlação de forças entre os grupos sociais e o poder local.*
- *Identificar os aliados e parceiros.*
- *Resumir e chegar a um acordo sobre os resultados do diagnóstico.*
- *Análise dos resultados do diagnóstico.*
- *Elaboração de proposições ou um plano de ação para enfrentamento dos problemas.*

Para finalizar, vale lembrar que existe uma diversidade de metodologias que permitem os grupos, organizações e comunidades discutirem seus problemas e definirem melhor as formas de enfrentamento dos problemas. Portanto, a metodologia do diagnóstico participativo é parte de um conjunto mais amplo de métodos que integram uma estratégia de intervenção social que primam pela participação popular.

## **Estratégias de coleta de informações**

### **Pesquisa-ação**

Pesquisa-ação (THIOLLENT, 2000) é uma estratégia que está voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas comunidades consideradas. A pesquisa-ação é um instrumento de trabalho e investigação, que envolve grupos e propõe aos pesquisadores e ao grupo de participantes meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, sob formas de diretrizes de ação transformadora.

### **Entrevista não estruturada (diálogo)**

É baseada em um plano claro que é mantido em sua mente. É mais utilizada quando você tem muito tempo e vai fazer um trabalho em longo prazo, em que poderá encontrar o informante várias vezes. Esta técnica permite que as informações obtidas estejam bem mais próximas da realidade.

Com o tempo, o entrevistado vai ficando mais à vontade e as informações mais completas. Neste tipo de entrevista, o entrevistador aproxima-se mais do universo do entrevistado.

Aqui são aproveitados, especialmente, os momentos de descontração da pesquisa, envolvendo uma maior valorização da vivência do dia a dia da comunidade investigada. Em alguns momentos, este tipo de entrevista se prolonga por diversas horas consecutivas.

### **Entrevista semiestruturada**

Nas situações em que não haverá uma nova chance para entrevistar alguém, a entrevista semiestruturada pode ser importante. Ela tem algumas das qualidades da entrevista não estruturada, mas é baseada em um roteiro – lista escrita de questões e tópicos que precisam ser abordados em uma ordem particular. O registro pode ser feito com gravador ou com anotações. É interessante, neste caso, ter mais de um entrevistador por entrevista. Pode ser realizada com informante-chave, com grupos, individualmente, entre outros.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista é o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza informal. No entanto, entende-se que este tipo de entrevista também deve considerar certa informalidade, intercalando questões mais fechadas e direcionadas com argumentações mais abertas.

### **Mapeamento participativo**

É uma técnica baseada na coleta de informações, na percepção e conhecimento que os indivíduos e grupos têm do espaço em que vivem. Na construção do mapa podem ser utilizados materiais locais, como folhas, pedras, entre outros. Durante a elaboração do mapa pelos participantes, vários questionamentos podem ser feitos, sobre as potencialidades e limitações, entre várias outras questões.

O mais importante é permitir que a comunidade desenvolva a técnica sem muita interferência da equipe de diagnóstico. Esta deve apenas fomentar a construção do mapa e o debate sobre as questões geradas pela atividade.

Ressalta-se a importância da equipe de diagnóstico que deve estar sempre estimulando a construção do mapa e o debate dos temas. Os membros da equipe devem anotar, literalmente, as informações repassadas durante o desenvolvimento da técnica. Daí a importância de uma equipe multidisciplinar que tenha compreensões diversas da realidade e consiga captar diferentes perspectivas do contexto de cada área pesquisada.

## Referências

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 95).

CERQUEIRA, L. **Participação cidadã na gestão pública: avanços e retrocessos com a implantação da estratégia de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2004. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CHAMBERS, R.; GUIJT, I. **DRP: después de cinco años, em qué estamos ahora?** **Revista Bosques, Arboles y Comunidades Rurales**, Quito, FAO, n. 26, p. 4-14, 1995.

COELHO, F. M. G. **A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos**. Viçosa: UFV, 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, M. A. O. et al. Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigador de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários. In: BROSE, M. **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 63-78, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PRETTY, J.; GUIJT, I.; THOMPSON, J.; SCOONES, I. **Participatory learning and action: a trainer's guide**. London: IIED, 1995.

TERRA. **Relatório de diagnóstico e planejamento participativo do meio rural do município de Cabo Verde – MG**. Cabo Verde, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 2000.(Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

## **Textos de referência na internet para construção do guia**

*O Diagnóstico Rápido Participativo*, Crescente Fértil, Projeto Sesmaria:  
<http://crescentefertil.org.br/projetoriosesmaria/site/wp-content/uploads/6.-DRP.pdf>

*Curso de Formação de Agentes Culturais Jovens Rurais*, Jorge Atílio Silva Iulianelli (Org.), 2009: [http://www.koinonia.org.br/outras/CARTILHA\\_TRD\\_2009.pdf](http://www.koinonia.org.br/outras/CARTILHA_TRD_2009.pdf)

## Perguntas

1. *Qual é a importância do diagnóstico para a realização de uma pesquisa?*
2. *O que é diagnóstico participativo?*
3. *Para que serve o diagnóstico participativo?*
4. *Como se faz um diagnóstico participativo?*
5. *Na sua opinião, qual é a importância do diagnóstico participativo?*

## Dicas de filmes

- “Escritores da Liberdade” (Freedom Writers). Direção e Roteiro: Richard LaGravenese. Elenco: Hilary Swank, Patrick Dempsey, Scott Glenn. EUA, 2007. Conta a história de jovens de periferia que descobrem suas identidades e percebem que podem transformar a sua realidade.

## Sugestões de dinâmicas

### OFICINA - Uma educação feita pelo e para o povo

**Objetivo:** trabalhar o protagonismo e a importância de fazer parte das mudanças que queremos.

#### 1º momento

**Eu, protagonista popular – 40 minutos.**

**Parte 1 – Solicitar que os participantes escrevam em um papel a resposta para três perguntas:**

1. *o que sei e gosto de fazer? (pode ser qualquer ação. ex.: dormir, acessar a internet etc.);*
2. *o que sei e não gosto de fazer? (pode ser qualquer ação. ex.: lavar os pratos, arrumar a casa, estudar);*
3. *o que sei fazer e alguém já ganhou dinheiro fazendo? (Pode ser qualquer ação).*

Após a escrita todos se apresentam e responde às 3 perguntas.

**Parte 2** – Depois, formar grupos por afinidade. A criação do grupo será com base nas respostas, principalmente da resposta à pergunta 3 (por exemplo: quem gosta de coisas ligadas à arte forma o grupo da arte).

Com os grupos separados eles vão responder a mais uma pergunta:

*Como isso que se sabe fazer pode contribuir com a transformação da realidade das pessoas, da sociedade, da escola, do bairro?*

*Nesse momento o(a) mediador(a) os auxiliará a entender o objetivo e como eles podem contribuir com os seus trabalhos e saberes socialmente, tanto individualmente como coletivamente, cada grupo deve descrever numa cartolina suas conclusões.*

*Quando terminarem, eles apresentam as propostas e se inicia o debate sobre o que eles acharam da atividade. Será que seria possível eles colocarem aquelas ideias na prática? Alguém teria um exemplo de ação que surgiu dessa forma?*

## **2º momento**

### **A educação popular – 10 minutos.**

Nesse momento o(a) educador(a) terá que usar o momento 1 como base para falar sobre os processos e práticas da educação popular e dos movimentos sociais e da importância da participação e iniciativa popular para solucionar problemas ou encontrar soluções para ajudar a sociedade.

Recomenda-se uma leitura coletiva (se o grupo for de jovens e adultos) de algum texto sobre educação popular.

### **OFICINA - Participação popular e formação política**

**Objetivo:** aprofundar a reflexão sobre política, manifestações de rua e espaços de controle social de políticas públicas.

Vídeo: <http://goo.gl/yaZTnw>

## **1º momento**

### **Poesia – 10 minutos.**

Ler e refletir o poema:

Poesia de Mauro Iasi, livro Meta Amor Fases.

## **SOMOS TODOS SEM TERRA**

*Somos todos sem terra  
Asfaltos horizontes  
Olhares edifícios  
Obscuros poentes  
Somos todos sem terra  
Expropriados do planeta  
Exilados das sementes  
Apartados dos frutos  
Sem terra somos todos nós  
Operários sem terra/fábrica  
Sem terra os que sozinbo  
Na multidão se acreditam sós  
Somos todos sem terra  
Todos os sem terra somos nós  
Ali nas estradas, somos nós  
Marchando, desatando nós  
Poís se sem terra  
Nada somos  
Sem os sem terra  
Que será de nós?*

Levar a um debate sobre o poema.

### **2º momento**

#### **Manifestações no Brasil – 20 minutos.**

Passar o vídeo “Manifestações no Brasil” e iniciar um debate sobre. Após, perguntar:

*Qual é a importância das manifestações para a nossa sociedade?  
Qual foi a forma usada para reunir tantas pessoas?  
Quem participou e se foi, por que foi?  
O que acham das manifestações como forma de reivindicação dos direitos?  
Por que se gritava que o gigante acordou nas manifestações? O que se queria dizer com isso?*

### 3º momento

#### Formas de participação – 20 minutos.

Separar a turma em quatro grupos.

Informar que cada grupo ficará responsável por colher informações sobre os temas descritos e apresentá-las para a turma. São eles:

1. *Audiências Públicas;*
2. *Conselhos de Direitos;*
3. *Conferências (exemplo: Conferência Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes, Saúde, Juventude, Educação, Cultural);*
4. *Observatórios de Direito.*

Após a pesquisa, cada grupo apresenta o seu tema pesquisado e a sua forma de participação.

Debater com o grupo a importância de se conhecer sobre essas formas de participação.

### Bibliografia

COSTA, Eliane Porangaba. **Técnicas de dinâmica:** facilitando o trabalho com grupos. Rio de Janeiro: WAK, 2002.

Renajoc – Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores. Guia Juventude e Comunicação: faça você mesmo!. 2014.





*No contexto recente de promoção da participação popular na construção de políticas públicas se destaca o surgimento de um grande número de técnicas participativas para diagnosticar e, especialmente, planejar as novas propostas para o desenvolvimento socioeconômico do país.*

*O Diagnóstico participativo é um dos métodos de investigação da realidade. Para entender em que consiste o método é importante termos a compreensão dos conceitos e elementos básicos que orientam qualquer método de diagnóstico social.*



**FLACSO**  
BRASIL